



Oportunidades e Inquietudes para o Setor de Celulose e Papel na Florescente Sociedade em Rede

CELSO FOELKEL
Sócio n.º 842

A terminologia e o significado da assim denominada “Sociedade em Rede” foram propostos pelo sociólogo espanhol Manuel Castells no final do milênio passado, quando ele escreveu uma série de livros que se tornaram best-sellers nos quais procurava interpretar as mudanças nas relações sociais que estavam acontecendo em função do avanço das tecnologias da informação. Castells foi extremamente perspicaz ao entender precocemente o que estava por vir nas relações sociais, informacionais e comerciais em função da crescente utilização da Internet. As facilidades e a rapidez nas comunicações e nas transferências de “quase tudo” utilizando recursos da web foram alavancas para que ele anteviesse alterações significativas na vida das pessoas, praticamente em esfera global. Como pensador inovativo e criativo, Castells buscou interpretar as principais mudanças que estavam acontecendo e o impacto futuro delas, principalmente nos seguintes tópicos:

- › Comportamento coletivo das pessoas em relação às trocas de informações, aquisição de produtos e oferta de serviços;
- › Redução significativa no tempo de obtenção de recursos sonhados ou desejados, facilitando assim o preenchimento das necessidades das pessoas (entre as quais a vaidade), as quais passariam a viver de maneira mais coletiva, fácil e até mais feliz;

- › Velocidade inimaginável nas transferências de informações, conhecimentos, recursos financeiros, etc.: com impacto significativo nas relações comerciais e de produção e consumo de bens e serviços;
- › Geração de infinitudes de redes de pessoas interconectadas entre si e baseadas em suas relações informacionais; etc.

Esses prognósticos de Manuel Castells, e também simultaneamente de Bill Gates, há cerca de 25 anos atrás, não apenas foram acontecendo, mas ganharam uma fantástica aceleração nos últimos dois anos, quando grande parte da sociedade global foi forçada a se manter “aprisionada” em seus lares devidos aos “lockdowns” exigidos pelas autoridades sanitárias, em função da pandemia Covid-19. Muitos novos negócios surgiram e outros tantos simplesmente desapareceram em função das alterações na forma de vida da sociedade e do crescimento das tecnologias computacionais, telecomunicativas e da expansão do uso do “milagroso telefone celular”. Como seria de se esperar, muitos negócios acabaram se fragmentando e até desaparecendo, enquanto outros serviços e produtos “online” surgiram para ficar, mesmo após a pandemia. A sociedade global tem suportado como pode a pandemia, mas acabou encontrando outras formas úteis, simples e práticas para viver. E até mesmo se divertindo ou distraído.

O setor de celulose e papel pelas suas características de “veneração ao gigantismo”, também sofreu efeitos negativos em alguns de seus segmentos (papéis para impressos), enquanto outros alavancaram crescimento e fortalecimento (embalagens em cartão e papelão, principais embalagens para os produtos comprados no comércio online).

Os papéis para impressão foram sem dúvidas os mais afetados pelo encolhimento de seu uso em revistas, jornais, livros, notas fiscais, envelopes, catálogos, agendas, etc., etc. Até mesmo muitas das associações técnicas de celulose e papel migraram suas publicações para o formato digital, enquanto outras continuam dando sobrevida às suas publicações em papel, mas também oferecendo a alternativa das mesmas na versão digital.

Já os produtos celulósicos para fins sanitários (papéis, absorventes higiênicos, fraldas de papel, etc.) cresceram substancialmente pela expansão das medidas de caráter sanitário e higiênico pelas pessoas na batalha e prevenção contra a expansão da pandemia.

Os especialistas globais continuam prevendo outras mudanças disruptivas no curto prazo em setores como transporte e logística, redução da força de trabalho direto em função da robotização e indústria 4.0, turismo, congressos e eventos, serviços bancários, compras e reuniões online, etc.

As estratégias setoriais para a celulose e papel acabam sempre sendo impactadas pela “cultura secular” dos seus gestores, que normalmente apresentam o tipo de resiliência do aço de molas de alta qualidade, as quais tendem a se deformar e se adaptar com as pressões e forças, mas conseguem voltar ao estado original após o término das forças aplicadas sobre elas. Muitos gestores se adaptam até que muito bem durante os períodos de estresse, mas terminado esse período querem retornar rapidamente à forma de gestão que estavam acostumados. Isso acaba levando ao estágio que antecedia as mudanças, portanto, eles acabam não enxergando as novas rotas ou a aplicação dos novos conceitos que tiveram que usar durante o período de maiores dificuldades. Acabam retornando aos mesmos patamares de controle de custos, qualidade e produtividade, mas do período antigo, sem que sejam incorporadas as recentes estratégias desenvolvidas para adaptação às crises.

A sociedade atual não apenas clama por produtos e serviços de qualidade, a preços justos e com pronta entrega, mas também está cada vez mais exigente nos protocolos ambientais

e de mínimos impactos ambientais e sociais. Isso é bastante favorável ao setor de celulose e papel que utiliza recursos naturais certificados e com adequados níveis de sustentabilidade. Dessa forma, acredito que o setor estará cada vez mais migrando para atuações responsáveis e ecoeficientes nos segmentos da bioeconomia e da economia circular. As biorrefinarias de base florestal, os produtos de origem natural e certificada e a sustentabilidade na rede produtiva tendem a serem cada vez mais presentes.

Entretanto, e sempre existem entretantos, existem algumas tradições que precisam ser avaliadas e repensadas, tanto pelos empresários, gestores bem como pelos técnicos do setor. Elas interferem na nossa capacidade de criar modelos novos e disruptivos de tecnologias de produção e de novos produtos. Por essa razão, proponho e insisto para que as pessoas com capacidade de gerar novas alternativas setoriais passem a questionar algumas das tradições cabrestantes presentes nesse setor, dentre as quais elenco algumas delas:

- › Economia de escala ou concentração do crescimento da produção em uma mesma unidade produtiva;
- › Competição baseada principalmente nos custos baixos de produção e quase nada no valor agregado;
- › Comportamento de produto comoditizado e com pouca ênfase na diversificação e valorização da agregação tecnológica nos produtos;
- › Geração de empregos cada vez menor por unidade de produto manufaturado;
- › Consumo de grandes quantidades de recursos naturais por cada unidade de produto fabricado: água, ar, área de terras, solo, energia, madeira, fibras e produtos químicos;
- › Geração de grandes quantidades de resíduos na forma de efluentes hídricos, fumaças, refugos, rejeitos e diversos tipos de resíduos sólidos.

Está mais do que na hora de começarmos a nos questionar sobre essas coisas de nossa cultura, pois nosso futuro é incerto e em algumas décadas as pressões certamente virão sobre cada uma dessas tradições. Como elas são a base de muitas de nossas estratégias para o futuro, pode ser que esses dias futuros venham a ser bem diferentes daqueles previstos por aqueles que estrategiam nossas empresas e até por aqueles que gerenciam nossas associações técnicas.

info @ tecnicelpa.68

Março'22

Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel

2021
ONLINE

TECNICELPA INNOVATION TALKS



Gabriel Sousa - Chairman - ALTRI
Alexandre Almeida - ANI
Jori Ringmam - CEPI
Francisco G. Silva - CELPA
Susana Carneiro - Centro PINUS

A. Dolores Ferreira - Chairman
Nuno Santos - IKEA
Isabel Moutinho - SONAE ARAUCO
José P. Fernandes - AMORIM FLORESTAL

Greg Dawson - DS Smith
Gustavo Duarte - SAPP
Manuel Delgado - Papeleira Coreboard
Outi Juntti - Jay Partners

Teresa Presas - Chairman
Carlos P. Neto - The Navigator Company
David Powlson - AFRY